



Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Mulheres católicas na década de 1930

Publicado no site em 27/05/2009

Gisela Büttner Lermen*

Por meio deste artigo, pretendo dar uma contribuição para a reconstituição da história de mulheres imigrantes católicas alemãs e de suas descendentes no Rio Grande do Sul. A elaboração aprofundada deste assunto complexo exigiria investigações pormenorizadas, que romperiam os limites deste trabalho. Por isso, concentrarei minha contribuição na apresentação de duas mulheres que se destacaram na Igreja católica da região colonial alemã do Brasil Meridional, na década de 1930, exercendo forte influência na vida de numerosas mulheres, através das suas atividades no contexto da Igreja da Restauração Católica da época. As personalidades e atividades delas representam tanto exemplos da repressão sofrida por mulheres e, igualmente, transmitida por elas quanto, também, de perspectivas duma dinâmica libertadora, herança de várias gerações de mulheres, que afinal se afirmaria com maior vigor do que as limitações impostas.

O artigo apresenta resultados escolhidos em meio às pesquisas, que realizei durante vários anos, sobre a história de mulheres imigrantes alemãs católicas no Rio Grande do Sul. O êxito de minhas investigações, eu o devo, essencialmente, ao encorajamento, à orientação e ao apoio contínuos que me foram dados pelo Professor Dr. Arthur Blasio Rambo. Quero dedicar esta contribuição a ele, como sinal da minha sincera gratidão.

* * *

Prólogo

Como prólogo escolhi dois depoimentos que transmitem uma idéia do dia-a-dia de mulheres imigrantes, nas décadas de 1920 e 1930. As autoras dos trechos citados conheciam a realidade das colonas por experiência própria e pela convivência imediata com as mulheres imigrantes: trata-se de Maria Rohde, uma das duas protagonistas das quais se falará a seguir, e de Gertrud Culmey Herwig, filha do colonizador Carlos Culmey. Na retrospectiva sobre sua vida na colônia de Porto Novo, da fundação da colônia em 1926 até a sua migração para Porto Alegre, em 1945, Maria Rohde lembra as seguintes cenas:

Quantas vezes, andando de carro ou a cavalo pela colônia, eu via mulheres executando, de forma igual aos homens, os trabalhos mais pesados. Principalmente no começo, quando a mão de obra ainda era rara, eu via muitas vezes mulheres ajudar a derrubar com machado, capoeiras e até árvores. Eu as via ajudar cortar de traçador (Trummsäge)¹, os troncos mais grossos, tábuas e vigas para suas casas, até na montagem e construção dos seus casebres eu as via botar mão. E quando terminava a jornada pesada, e no silencioso casebre colonial toda a família já fora descansar, muitas vezes perto do fogão ainda ardia a luzinha de banha e a incansável mãe se debruçava sobre a roupa a ser remendada da sua família, porque não podia sacrificar para isso o precioso dia de trabalho. E mal amanhecia o novo dia, ela como primeira estava em pé de novo, cuidava do lar, antes que a família estivesse sentada em torno da mesa do café da manhã, para então enfrentar de novo, com ânimo alegre, o trabalho pesado de roça.²

Contemporânea um pouco mais nova de Maria Rohde, Gertrud Culmey Herwig, pelos familiares chamada de "Tutz", chegou a conhecer a vida nas novas colônias ao acompanhar,

junto com a mãe Luise, nascida von Michaelis, o pai Carlos Culmey, que trabalhou durante muito tempo com o Pe. Max von Lassberg S.J., como colonizador na região do Rio Uruguai, no Brasil e na Argentina. Cumprindo uma promessa feita aos netos, Tutz redigiu na idade de 83 anos, "o que me acontecia, como filha dum colonizador alemão bem sucedido no Brasil e na Argentina, numa vida longa, repleta de aventuras e diversões."³ Não obstante a admiração que ela sentia pelas colonas pioneiras, as "heroínas anônimas da selva", o parágrafo dedicado a elas revela também uma certa revolta, em solidariedade com elas:

[...] essas heroínas anônimas da selva [...] deviam levar a cabo todas as obrigações pensáveis, como cozinhar e assar, cuidar das crianças, criar animais, os afazeres do lar, costurar, remendar, ordenhar, e muita coisa mais. O trabalho dela quase nunca termina, e quando o homem volta para casa de noite, cansado do trabalho pesado, ela lhe oferece o chimarrão, e ele descansa, enquanto ela continua mourejando (schuften), até tarde da noite. A tarefa agora é dar banho nas crianças, levá-las para a cama, escolher feijão e preparar tudo para a próxima manhã. Ela é a primeira que se levanta de manhã, faz o café, prepara as crianças para ir à escola, cuida das galinhas e dos porcos, leva o leite para fora e quando os pequenos serviços da casa são terminados, ela segue o marido para a roça e o ajuda na plantação, para, depois, outra vez, sair correndo, para preparar o almoço, lavar louça, controlar as tarefas de casa das crianças, para logo depois ir com o marido à plantação.⁴

Visão de conjunto do contexto eclesial

Os eventos institucionalizados mais representativos na vida eclesial da região colonial, conforme o padrão da Restauração Católica, foram as Assembléias Gerais dos Católicos, "uma imitação das solenes Assembléias Gerais de Católicos na Alemanha e na Áustria, onde já tinham uma tradição de meio século."⁵ As primeiras Assembléias tinham se realizado em Harmonia (1898), Santa Clara (1899) e Santa Catarina da Feliz (1900), ficando todas as três localidades situadas no interior do Rio Grande do Sul, numa distância aproximada de 70 a 100 km ao norte de Porto Alegre. A partir de 1900, as Assembléias se realizaram de dois em dois anos. Normalmente, elas se estendiam por três dias, de preferência numa sexta-feira até domingo. Segundo Arthur Blasio Rambo,

esses eventos [...] serviam de fórum em que os católicos analisavam sua situação econômica, social, política, educacional e principalmente religiosa. Procuravam identificar os problemas, discutiam soluções, propunham meios e estratégias. Já na assembléia de 1898 nasceu a Associação dos Professores e Educadores Católicos do Rio Grande do Sul. Ela foi encarregada de coordenar o projeto educacional das escolas comunitárias. Na assembléia de 1899 foi fundada a Associação Riograndense de Agricultores sob a inspiração do jesuíta suíço Theodor Amstad e várias lideranças leigas. Tratava-se na verdade de um amplo e abrangente projeto de promoção humana, nitidamente alinhado com a proposta da Restauração Católica em pleno andamento.⁶

Consideradas sob o aspecto de gênero, as Assembléias se apresentam, principalmente na primeira fase, ou seja, até a interrupção em consequência da Primeira Guerra Mundial, como coisa de homens. As distâncias na região colonial, a dificuldade de locomoção e, principalmente, a situação de família impediam a maioria das mulheres de participar de tais eventos. Além das circunstâncias pouco propícias quanto à participação de mulheres das Assembléias, também o discurso androcêntrico dos convites e apelos na imprensa, assim como das palestras proferidas nos eventos e posteriormente publicadas nos jornais católicos e em brochuras especiais, não transmitiam quase nenhuma valorização positiva numa eventual presença de mulheres. Mas não obstante isso, as fontes confirmam, embora sem dados estatísticos, a presença delas, ainda que em minoria.

A I Guerra Mundial e "as perturbações da guerra civil"⁷, sofridas pelo próprio Estado do Rio Grande do Sul, causaram um intervalo de dez anos entre a 11^a Assembléia Geral dos Católicos em Santa Cruz, em 1916, e a 12^a em Novo Hamburgo, em 1926. No final de 1925, o Volksverein decidiu retomar a tradição, convocando a 12^a Assembléia Geral: "por isso, irmãos de fé e de estirpe, vamos para Novo Hamburgo nos dias 14, 15 e 16 de março! Venham, filhos

familiarizados com a terra e curtidos pelo tempo, filhos daqueles pioneiros da cultura que há cem anos pisaram nas terras abençoadas desse país maravilhoso.”⁸

Diante do discurso deste convite, nada diferente daquele dos convites e relatos das primeiras Assembléias na virada dos séculos XIX/XX, os convites feitos a mulheres como palestrantes nas três Assembléias seguintes, a saber à enfermeira Agathe Fessler e à pioneira na colônia recém fundada de Porto Novo, Maria Rohde, pode parecer uma verdadeira reviravolta. Mas antes de dedicar a atenção às palestrantes estreadas e às suas mensagens, lançarei alguns flashes sobre o contexto eclesial e sócio-cultural da época em geral e da região da colônia em particular.

No contexto eclesial, chama a atenção o surgimento e a organização da “Ação Católica”. Já os Papas Leão XIII (1878-1903) e Pio X (1903-1914) tinham atribuído muita importância à “Ação dos Católicos” sob a direção da hierarquia, no contexto político da separação de Igreja e Estado e “também para preservar os cristãos de uma sociedade que se des cristianizava, especialmente pela situação da classe operária.”⁹ Enquanto organização determinada, a Ação Católica foi obra do pontificado de Pio XI (1922-1939), que formulou a definição clássica da mesma como “a colaboração e a participação dos leigos do apostolado da Igreja”.¹⁰ E segundo Dom João Becker, a Ação era “a participação dos leigos, isto é, dos não-sacerdotes, da grande obra apostólica da Igreja [...] sob a direção das autoridades eclesiásticas (kirchliche Behörde) [...] de mãos dadas com o governo eclesiástico [...]”.¹¹

Segundo Ana Maria Bidegain, teóloga colombiana, a presença feminina nesta organização, “era vista fundamentalmente no sentido de que as mulheres deviam ser as encarregadas de preservar-se dentro da ordem tradicional, das ameaças dos novos hábitos e costumes do mundo moderno”.¹²

Um olhar para os estatutos da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fundada por incentivo de Bertha Lutz, no Rio de Janeiro, em 1922, facilmente explica a constatação de Ana Maria. Eis a seguir os objetivos da Federação:

1. Promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina.
2. Proteger as mães e a infância.
3. Obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino.
4. Auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão.
5. Estimular o espírito de sociabilidade e de cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público.
6. Assegurar à mulher os direitos políticos que a nossa Constituição lhe confere e prepará-la para o exercício inteligente desses direitos.
7. Estreitar os laços de amizade com demais países americanos, a fim de garantir a manutenção perpétua da Paz e da Justiça no Hemisfério Ocidental.¹³

Sem mais comentários, fica evidente a contradição entre os objetivos dos movimentos das mulheres e a imagem tradicional de mulher, defendida pela Igreja.

As palestras de Agathe Fessler deviam focalizar, justamente, a imagem, os papéis e os deveres das mulheres, conforme a visão da Igreja oficial: em Arroio do Meio, no ano de 1930, ela discursou sobre “Frauenfürsorge”¹⁴, ou seja, por um lado, sobre os cuidados, Fürsorge, que a mulher tem que dedicar à sua família e, por outro, a assistência, em alemão, também, Fürsorge, que a sociedade deve a ela.

Em Colônia Selbach, 1932, Agathe foi convidada, junto com um teólogo, o cônego Pe. Nicolau Knob, e um médico, o Dr. Kliemann, de Santa Cruz, para palestrar sobre “a destruição da bênção da procriação”, segundo comentário do St. Paulus-Blatt “um tema de atualidade, infelizmente, também para a nossa germanidade daqui”.¹⁵ Agathe devia falar sobre o aspecto social do assunto. Numa segunda palestra, da mesma Assembléia, ela discursou sobre o

Quarto Mandamento.¹⁶

No mesmo ano, na Assembléia Regional de Católicos em Três Arroios, Agathe proferiu outra vez duas palestras: a primeira, intitulada "Mãe e criança" (Mutter und Kind), a outra, "A mulher nos tempos de hoje".¹⁷

O motivo principal para se realizar a Assembléia Geral dos Católicos, em 1934, na jovem colônia de Porto Novo, fundada em 1926 pelo Volksverein e situada às margens catarinenses do Rio Uruguai, perto da fronteira com a Argentina, em torno de 500 km de distância da antiga região colonial, foi seu caráter modelo de Einheitskolonie, colônia de padrão unificado, ou seja, uma colônia projetada para um grupo étnica e confessionalmente homogêneo. Os idealizadores deste projeto foram os jesuítas, atuando através da Sociedade União Popular. Na teoria deles, o êxito da Einheitskolonie dependia do seu caráter cerrado, isolado. A brochura sobre a "Assembléia de Católicos na Colônia da Sociedade União Popular Porto Novo" afirma:

paróquias, escolas, fundações de cooperativas, até mesmo a instituição de associações sociais somente são possíveis como instituições benéficas dentro de uma comunidade étnica e religiosamente unificada. [...] O bem do Volkstum e a fé, os valores culturais essenciais, estão seriamente colocados em perigo em colônias mistas – principalmente para a nova geração.¹⁸

No contexto político do país, este modelo de colonização se entendia como defesa contra "o sistema de colonização dos atuais governantes positivistas, (que) consiste em abrir colônias mistas, nas quais são assentadas misturadas pessoas das mais diversas nacionalidades."¹⁹

Duas mulheres estreando na tribuna

Embora não me arrogando interpretações mais profundas, não quero deixar de desenhar em poucas linhas, com base em dados encontrados nas fontes, as biografias e, não obstante os rumos geográficos quase iguais, os destinos extrema-mente contrários das duas palestrantes estreadas.

A respeito da pessoa de Agathe Fessler, encontram-se alguns depoimentos autobiográficos informativos nas suas palestras, assim como num artigo dela sobre sua atividade como enfermeira durante a Primeira Guerra Mundial.²⁰ Segundo um episódio relatado por ela na Assembléia Regional de Três Arroios, ela deve ter sido de nacionalidade austríaca.²¹ Em outro lugar, ela fala das suas condições precárias de saúde, quando jovem: "até os fins dos meus 30 anos, eu estava tão fraca de coração, que não podia nadar, nem dançar, nem andar de bicicleta, nem exercer alpinismo", confessa ela. Por causa disso, ela tinha renunciado a casar-se, mas afirma: "eu encontrei tantas alegrias na atividade social, que estou plenamente indenizada pela renúncia ao casamento e, com a idade, também fiquei mais forte".²² Entre 44 e 48 anos de idade, ela até estava em condições de exercer a atividade de enfermeira de hospital militar na Rússia, na Romênia e na Itália, durante toda a I Guerra Mundial, conforme um relato autobiográfico, no Riograndenser Marienkalender de 1939.²³ Uma foto, inserida no texto da primeira palestra, mostra "A Srta. Agathe Fessler, antiga enfermeira militar, no exército austríaco-húngaro".²⁴

Depois da guerra, Agathe passou seis anos na América do Norte, atuando aí, também, como enfermeira²⁵, conforme relata também o necrológio, dedicado a ela no St. Paulus-Blatt de maio de 1941:

Irmã Agathe Fessler, a peregrina solitária e portadora de amor que socorria e curava; ela, que na Guerra Mundial de 1914 a 1918, arriscou sua vida nas várias frentes de guerra; que mais tarde, procurou pessoas aflitas na América do Norte e encontrou um novo lar no Brasil; ela deu a alma a Deus, na noite antes do dia 6 de abril, na idade abençoada de 71 anos, fortificada pelos meios de salvação da Igreja católica romana.

A família do Volksverein assistiu ao enterro dela no cemitério de São José e a encomendou. No altar da Igreja São José, ela celebrou a Santa Missa, para que a alma dela participe em breve da glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo. R. I. p²⁶.

Além dos fatos biográficos mencionados por Agathe, me parece de igual importância, que haja coisas, que ela nunca menciona: a família, a mãe e o pai dela, possíveis irmãs e irmãos e demais familiares, amigas e amigos ou quaisquer pessoas, com as quais ela tivesse mantido relações mais íntimas. O necrológio confirma essa carência da "peregrina solitária", de nitidez comovente.

Os convites seguidos para palestras nas Assembléias de Católicos nos anos de 1930 e 1932, mostram o reconhecimento e a confiança que Agathe gozava por parte do Volksverein e das autoridades jesuíticas. O verso disso, no entanto, ela mesma o desvenda: na palestra de Colônia Selbach, sobre "a destruição da bênção da procriação", ela confessa, que o assunto, realmente, lhe era estranho:

[...] nele me falta absolutamente a experiência própria. Minha primeira idéia foi de recusar. Mas, visto que os programas já estavam impressos, pensei e achei que, embora não disponha de experiências próprias, tenho muitas de outrem, e essas lhes posso comunicar, com prazer.²⁷

Sem os devidos contatos e consultas prévias com respeito às condições, à disponibilidade e vontade de Agathe, de aceitar o convite e assumir o desafio do assunto, como mulher solteira, sem "experiências próprias", os homens simplesmente dispuseram dessa mulher, evidentemente conhecida pela fama da sua disponibilidade e dedicação.

Em contraposição às dúvidas e à insegurança de Agathe com respeito à sua idoneidade, pode surgir a suspeita, se não foi justamente o estado de solteira, ou seja, duma mulher "sem experiência", o motivo decisivo para convidá-la. Vis-to que ela nunca tinha experimentado pessoalmente, na própria pele, os problemas e conflitos duma esposa e mãe, sob as condições sociais da colônia e as prescrições e sanções da moral matrimonial católica, a escolha dela podia garantir aos responsáveis pela Assembléia, uma certa segurança quanto à defesa do ideal proclamado pela Igreja, cuja teologia e pastoral excluía, em princípio, justamente qualquer experiência de mulheres. De fato, a falta de experiência, não iria impedir Agathe a chegar, na sua palestra, a juízos igualmente drásticos e categóricos, no entanto perfeitamente de acordo com as prescrições morais católicas vigentes.

Diferentemente de Agathe Fessler, Maria Rohde tinha experiência, em abundância, do tema, sobre o qual devia falar. A fundamentação empírica da sua palestra constituiu-se na vida solidária com as demais pioneiras e pioneiros da nova colônia de Porto Novo. A parte introdutória da obra comemorativa sobre a colônia, fala dessa experiência, assim como da importância da mesma para que um depoimento pudesse ser "verídico":

Para retratar uma imagem verídica da vida dos pioneiros na selva, deve-se ter vivido com eles, trabalhado com eles e lutado pelo pão de cada dia, ter-se alegrado com eles, sofrido e chorado com eles. E nos vinte anos da minha vida de selva junto com os colonos novos, desde o primeiro começo, a floresta e as pessoas me conquistavam o coração; as terras que conquistávamos, pedaço por pedaço, das selvas, que se tornaram a nossa gleba própria e a querência (Heimatboden) própria dos meus filhos e filhas, onde passaram a sua infância e juventude, me ficaram caras [...] ²⁸

A base ideal para se aventurar a essa conquista e, ao mesmo tempo, a qualidade que a recomendou às autoridades responsáveis para convidá-la como palestrante, foi a identificação, aparentemente total, de Maria com a idéia do modelo de colônia de padrão unificado. Esta sua identificação deve ter tirado sua motivação de várias fontes: à forte herança cultural alemã e a uma profunda consciência histórica, presentes na família Wiersch e transmitidas, principalmente, pela mãe, acrescentaram-se contatos pessoais com o grupo de liderança de pessoas leigas católicas, no meio teuto-brasileiro, na região colonial alemã no sul do Brasil, iniciados já vários anos antes da migração da família para lá.²⁹

O anúncio da primeira palestra de Agathe e, ao mesmo tempo, da estréia duma mulher como palestrante em Assembléias Gerais dos Católicos, reflete o conflito, evidentemente inerente a este fato. Jakob Becker, então presidente do Volksverein, iniciou a apresentação da primeira mulher palestrante, colocando os seguintes versos do poeta Friedrich v. Schiller como lema:

Honrai as mulheres! Elas entrançam e tecem Rosas celestes, na vida terrestre.³⁰

A seguir, Becker continua:

Pela primeira vez nos nossos encontros, uma mulher vai se apresentar como palestrante, na Assembléia dos Católicos deste ano. Não há dúvida, de que nosso encontro vai ser enriquecido através disso. A mulher na tribuna é, até agora, uma imagem muito pouco familiar para nós. Isso mudará. Pois a mulher se destaca cada vez mais na vida pública, nos nossos tempos. Possivelmente, isso também já toma rumos e se expressa dum modo, que não fica bem para ela. Nossa veneração e nosso respeito principais, a mulher os deve merecer como esposa, mãe e dona de casa. Ela é o núcleo de ouro da família. O espírito dela influencia a vida de família. A saúde física da mulher é também uma coisa muito séria, sendo a mulher, por assim dizer, o solo, no qual crescem os frutos da humanidade, os quais ela cultiva e guarda como mãe.³¹

Na análise das palestras de Agathe, quero focalizar dois aspectos, que perpassam todas as cinco conferências e que me parecem importantes, tanto no que diz respeito à consciência da palestrante, quanto à pastoral da Igreja católica da época, que aí se reflete: em primeiro lugar, a imagem tradicional da mulher e as relações da mesma com vários elementos, aptos a questionar, dinamizar e modificar o modelo tradicional de vida de mulheres, também na região colonial; em segundo lugar, o "dever" (Pflicht) como um dos pilares da moral do catolicismo da Restauração. Num terceiro item, farei mais algumas observações referentes à palestra sobre "a destruição da bênção da procriação", em especial.

A posição de Agathe com relação às mudanças na vida das mulheres da sua geração se resume, em princípio, na seguinte queixa:

Infelizmente, não estamos mais vivendo no tempo feliz da avó, quando a mulher podia ser somente mulher, quando ela podia se dedicar ao seu dever de mãe e dona de casa, protegida pelo braço forte do homem e livre de carências. O tempo atual tira a mulher, violentamente, do seu lar tranqüilo e a joga, impiedosamente, na luta pela existência, a joga no redemoinho político, lhe impõe deveres que ela não conhece e em relação aos quais ela não está à altura, e os quais ela, primeiro, deve aprender a conhecer e entender.³²

A justificativa de ser introduzida em áreas afins, no entanto, por exemplo, em questões comerciais, é "para que esteja armada para o caso extremo de o pai de família partir cedo demais, ou, o que seria pior ainda, afundar-se no alcoolismo e nos jogos".³³ Em outras palavras: qualquer formação da mulher, caso abranja áreas, que pareçam estranhas àquela do lar, de esposa e de mãe de família, somente serve como uma espécie de barco salva-vidas, em eventuais casos de emergência, no âmbito da vida familiar, ou seja, a qualificação dela tem somente função subsidiária, sem que se visasse a realização pessoal da própria mulher. Mas mesmo que qualquer influência econômica fora do lar – ainda – continuasse negada às mulheres, na verdade não pode haver dúvida sobre a contribuição eficiente de muitas delas para o desenvolvimento econômico da família, ao lado do marido e junto com ele, já desde a primeira geração de imigrantes.

O outro fio condutor que perpassa, além da defesa da imagem tradicional de mulher, todas as palestras de Agathe Fessler, é o do "dever", Pflicht, estreitamente ligado àquele da "lei", Gesetz, no sentido da Lei de Moisés. A palestrante mostra-se fiel à moral católica da época, orientada pelos manuais neo-escolásticos, que orientavam a moral do século XIII até a primeira metade do século XX. O reverso dessa moral da Lei parece o pessimismo, em consequência do qual o mundo como um todo se faz sinônimo de perigo. Qualquer desafio, estímulo, encantamento, experiência de satisfação, espontaneamente experimentados no encontro com algo que possa abrir novas perspectivas de vida, são sufocados pelo "dever", müssen, que perverte qualquer resposta espontânea, positiva, numa obrigação de se adaptar a um mundo, cujas mudanças, em princípio, são recusadas.

O convite feito a Agathe para discursar sobre "a destruição da bênção da procriação", deveu-se, sem dúvida, à convicção dos responsáveis do Volksverein, compartilhada pelos jesuítas, da idoneidade dessa mulher, no sentido da posição ortodoxa dela, com relação ao assunto em questão. Em dois casos as suas invectivas se dirigem, inequivocamente, contra o aborto e contra intervenções cirúrgicas de esterilização da mulher: "A agressão do inimigo (o diabo. Inserção minha.) se volta principalmente contra o Quinto e o Sexto Mandamentos: Morra a criança! Horrível, cruel infanticídio, gozar bem da vida, derrubando todos os limites do Sexto

Mandamento".³⁴ Em contraposição a essas duas referências inequívocas, as demais alusões deixam em aberto quais sejam, concretamente, os "crimes" denunciados. A moral matrimonial católica da época e um olhar para a palestra do Cônego Knob, no entanto, sugerem, como terceiro dos "crimes", qualquer prática contraceptiva pelos casais. A imprecisão, assim como o caráter muito emotivo da argumentação e, no caso do Cônego Knob, da condenação daqueles que ajam contra as prescrições, se explicam, ao meu ver, pelo caráter quase obsessivo da moral sexual, no contexto da moral católica da época.

A análise das palestras de Agathe Fessler, embora sucinta, deixa claro que a palestrante deve ter satisfeito, plenamente, as autoridades que a tinham convidado, uma vez que, evidentemente, não se visava a verdadeira "participação" de mulheres, mas, muito pelo contrário, mantê-las como membros dóceis e submissos dentro das estruturas sociais e eclesiásticas tradicionais. Embora, provavelmente, não consciente disso, Agathe tornou-se cúmplice do sistema patriarcal e dos representantes do mesmo. Evidencia-se isso também pelo discurso dela: só raríssimas vezes ela fala na primeira pessoa do plural. Ela quase nunca se identifica e solidariza com as destinatárias das suas palestras, falando quase sempre na segunda ou terceira pessoas do plural.

Em comparação com os assuntos de grande peso no âmbito da pastoral e da moral católicas, confiados a Agathe, Maria foi chamada a expor sobre um assunto não imediatamente "eclesial", embora também de forte interesse da Igreja. Intitulada *Ein Treuegelöbnis zu der Vorväter Art, Volkstum und Glaube*, ou "Um juramento de fidelidade à índole, à comunidade cultural e à fé dos antepassados", a palestra desenvolve as idéias, nas quais se baseava o projeto de colônia de padrão unificado, tocando, no entanto, ao mesmo tempo, num assunto que justamente naqueles anos da década de 1930, estava se tornando politicamente polêmico.³⁵

Na verdade, onde a palestra de Maria estabelece relações entre *Volkstum*, índole alemã, raça e sangue, de um lado, e, de outro, a fé³⁶, não dá para negar uma certa influência do discurso nacional-socialista da época, fato que se explica com um simples olhar para o catolicismo contemporâneo, na Alemanha. A posição da Igreja católica em relação ao Nazismo, de fato, nem sempre foi inequívoca. Enquanto o episcopado alemão se posicionava claramente com respeito a questões específicas de visão do mundo, ele não mostrou a mesma firmeza quando se tratava do horizonte da sociedade e do estado como um todo.³⁷

Tomando-se em consideração os contatos dos teuto-brasileiros, principalmente dos intelectuais e de figuras de liderança entre eles, com o país de origem, pode-se supor que tais atitudes e publicações da Igreja na Alemanha tinham conseqüências também no catolicismo teuto-brasileiro. Pelo menos até meados dos anos trinta, mulheres e homens católicos, tanto o clero como também pessoas leigas, podiam deixar-se levar a uma posição positiva em relação ao novo governo alemão. Isso poderia esclarecer a adoção de certos elementos retóricos do discurso nazista.

A "índole alemã", *deutsche Art*, manifesta-se, segundo Maria, em "língua, costumes e cantos alemães", assim como também nas virtudes da "fidelidade alemã" e "honestidade", da "hospitalidade alemã" e da "persistente diligência alemã".³⁸ Essa última qualidade deve ser vista em relação com a valorização do trabalho e, como resultante, a própria visão do ser humano:

A luta pela existência sempre foi dura em terras alemãs, porque vivendo em espaço apertado, as condições exigem toda a força da pessoa. E essa luta, esse esforço fortalecia as pessoas e as preservava da indolência (*Verweichlichung*). Tornou-se parte do sangue alemão e fez deles homens de trabalho, trabalhadores em sentido intelectual e físico.³⁹

Mesmo que a visão do ser humano, que se manifesta aqui, seja conhecida como característica da ideologia nacional-socialista, a valorização do trabalho como tal se destaca na cultura alemã em geral.

A "fé católica", mencionada em estreita relação com a "índole alemã"⁴⁰, é apresentada por meio das formas concretas, nas quais ela se manifestava e era experienciada na vida de mulheres e homens imigrantes: nos cantos religiosos, transmitidos de geração em geração; na construção de igrejas e capelas; no culto e na prédica; nas festas religiosas de Páscoa, Pentecostes, Natal e *Kirchweih* ou *Kerb*, festa de aniversário da consagração duma Igreja, sendo Natal e *Kerb*, ao mesmo tempo, festas religiosas e de família. Em estreita relação à fé, destaca-se a importância particular da língua.

Uma devoção somente pode ser profunda e brotar de todo coração, se for realizada na língua materna. O anúncio da palavra de Deus, isto é, a prédica, só pode ser compreendida plenamente e, por isso, ser edificante, se for proferida na língua materna. E por isso, nossos cultos continuavam sendo alemães e deviam continuar assim, até o dia de hoje. A luta, aqui, por esses dois bens preciosos dura mais que 100 anos.⁴¹

Outro conceito que perpassa toda a palestra, além dos três mencionados no título, é o de Heimat. Conforme afirma Arthur Blasio Rambo, “em português não existe um vocábulo que expresse exatamente o sentido de Heimat. Por aproximação, dir-se-ia que Heimat significa terra natal, torrão natal ou usando um termo regional aproxima-se do sentido de querência”.⁴²

Conteúdo e retórica da palestra não deixam dúvida da plena identificação da palestrante com o assunto da sua exposição. De fato, o projeto preconizado da Einheitskolonie chegou a ter um significado quase religioso para ela, como mostra, por exemplo, o relato dela sobre a visita do Padre Provincial dos jesuítas, Pe. Petrus Lenz, a Porto Novo, em 1930. No seu sermão durante a missa na comunidade São José de Sede Capela, Pe. Lenz tinha recorrido à cena bíblica de Dt. 30, comparando Porto Novo à Terra Prometida, o rio Uruguai ao Jordão e o povo da colônia ao povo de Israel. De acordo com a visão do Provincial jesuíta, a colônia unificada tinha um profundo significado ético-religioso: ela se estabeleceu na “mata virgem (jungfräulicher Wald) [...], que ainda não foi posta em perigo pelos maus costumes do mundo moderno e, intacta, se abriu para vós, em toda sua pureza como veio do criador, se tornou a Heimat de vocês e de seus filhos e filhas.” Por isso, a exortação do pregador: “mantenham afastados desta terra os perigos éticos e morais do mundo de fora, não os deixem encontrar entrada nenhuma nas águas do seu Jordão, nas portas da sua terra.”⁴³

Não quero deixar de chamar atenção para o caráter de “reserva” do modelo da Einheitskolonie, que se manifesta neste sermão. A linguagem, inspirada pelo simbolismo bíblico e idéias do romanticismo, serve para representar um mundo ético, cultural e confessionalmente reservado, homogêneo, “puro”. Na verdade, no entanto, entre as/os imigrantes havia pelo menos três grupos maiores, cultural, social e religiosamente importantes, que compunham a população teuto-brasileira católica: ao lado da maioria dos alemães católicos, imigrados ao Brasil meridional, que “foram renanos, do Reno, da Mosela e do Hunsrück”⁴⁴, conforme afirma Maria Rohde, encontravam-se os camponeses e mineiros, com suas mulheres e famílias, do distrito industrial e do interior da região do Sarre, assim como, também, o grupo de imigrantes do grão-ducado de Hessen-Darmstadt, situado à margem direita do Reno, além de outros grupos minoritários da Vestfália, Baviera, Boêmia e de regiões da Europa oriental, esses últimos já com uma história anterior de migrações. Qualquer tentativa de homogeneização deixaria de se dar conta das características culturais, sociais e religiosas, constitutivas da identidade dos vários grupos e dos processos de adaptação entre eles, assim como ao novo ambiente geográfico; não se daria conta da interação e diferenciação entre eles e outros grupos étnicos, nem em relação com o contexto sócio-econômico-cultural luso-brasileiro.

Embora apresentando perfis pessoais e condições de vida diferentes, as duas primeiras mulheres palestrantes têm em comum o fato de terem sido escolhidas e usadas em função do Projeto da Restauração Católica regional. É este também o denominador comum que caracteriza o papel atribuído às mulheres, presentes nas demais instituições de destaque deste Projeto, a saber, às professoras na escola comunitária teuto-brasileira católica e àquelas que constituíam as associações como membros ou as lideravam. A presença delas somente foi admitida, enquanto se mostrava útil para uma finalidade definida já de antemão. Como sujeitos autônomos e agentes independentes, no entanto, que pudessem contribuir com as suas próprias experiências para a configuração e construção do projeto da Restauração, elas não interessaram.

“A terra das mulheres” de Porto Novo

Outro exemplo da maneira sutil de como se exercia influência nas mulheres, de conformidade com uma imagem de mulher ideologicamente fixada, são as associações de mães, Müttervereine, presentes em quase todas as comunidades da região colonial. Também nessa área, Maria Rohde se destaca na comunidade de Porto Novo.

A realização da Assembléia Geral dos Católicos em Porto Novo, em 1934, tinha trazido um forte impulso para a vida comunitária e associativa da comunidade. Fundou-se, entre outras associações especiais dentro da Sociedade União Popular, também a “Seção das mulheres”.

Maria, coordenadora desta "Seção" e, no ano de 1935, também secretária da União Popular de Porto Novo, desenvolveu uma colaboração intensa com o Skt. Paulus Blatt. Suas notícias na coluna *Aus dem Frauenland*, "Da Terra das Mulheres", assim como, também, seu livro comemorativo de 1952, transmitem uma idéia do seu trabalho com as mulheres, abrangendo as áreas mais diferentes como, por exemplo, as da saúde e da vida familiar, de controvérsias ideológicas da época e da preservação da memória das famílias imigrantes. A leitura edificante parece ter feito parte integrante de todas as reuniões.⁴⁵ Mesmo que não faltassem depoimentos, que registrassem, com empatia, a realidade da vida das colonas e as experiências delas, predomina, afinal, o esforço de submeter tudo a uma imagem pré-moldada de mulher. Os depoimentos de Maria Rohde e Tutz Culmey Herwig, apresentados no Prólogo, já transmitiam uma idéia do duro programa de trabalho, sem descanso e praticamente sem fim da camponesa imigrante. Depois do trecho citado acima, Maria Rohde continua:

Eu admirava a disponibilidade para o trabalho das mulheres, na modéstia e no contentamento da vida humilde e pesada de colono, particularmente dos primeiros anos. Mas lembro também ainda bem, os anos mais tarde, quando foi fundada dentro do *Volksverein* a secção de mulheres e nós nos encontrávamos uma vez por mês para nossas reuniões. Esta tarde de domingo livre do mês, sempre era um rasgo de esperança na monotonia dos dias e das semanas pesadas de trabalho das nossas colonas. Hoje tenho que confessar honestamente, isso fazia parte das horas mais belas da minha vida na selva, quando nós nos reuníamos.⁴⁶

O exemplo mais nítido da transmissão duma imagem ideologizada de mulher, nesses encontros mensais das mulheres, é o uso dum livro do padre alemão Anton Heinen, entre 1918 e 1933 formador popular (*Volksbildner*) e político social reconhecido no *Volksverein*, na Alemanha.⁴⁷ No livro intitulado *Von Mutterleid und Mutterfreud*, "Do sofrimento e da alegria de ser mãe", que servia de leitura nas reuniões, o autor sempre se serve, na primeira parte dos capítulos, de palavras supostamente dirigidas por Deus a suas "filhas", para exortá-las, por exemplo, sobre o amor desinteressado da mulher ao marido, sobre os deveres sagrados de mãe e as atitudes de abnegação, submissão e duma disposição incondicional de servir. Segue, depois, a resposta obediente, posta na boca da mulher pelo autor: "E tu respondes...". O fato de que os textos usados nas reuniões das mulheres de Porto Novo encontravam-se publicados, sucessivamente, capítulo por capítulo, no Skt. Paulus Blatt, leva à conclusão de que eles alcançavam, praticamente, todo o público feminino da Sociedade União Popular, na região colonial alemã.

Um olhar prospectivo para a década de 1940

Não quero, no entanto, terminar minha contribuição sem um olhar, pelo menos rápido, em perspectivas abertas além dos anos de 1930. O já citado livro comemorativo de Maria Rohde relata dois acontecimentos dos anos de 1943 e de 1945, inseparavelmente ligados com a história dos anos 30: a resistência de mulheres da família Rohde a serviço da população teuto-brasileira da colônia, contra arbitrariedades de autoridades locais, em 1943, e a abertura para um novo projeto de vida, documentada pela mudança de Maria com a família de Itapiranga para Porto Alegre, em 1945.

No livro comemorativo de 1952, Maria relata o comprometimento de três mulheres de sua família com a resistência, durante a repressão em 1943: do seu próprio envolvimento, do empenho da sua mãe Josefina Wiersch e da presença de sua filha Daniela de então 15 anos de idade, em meio das famílias expulsas das suas terras. Seguindo-se a ordem das gerações, destaca-se naquela fase mais ten-sa da repressão, em primeiro lugar, a avó Josefina. Embora impossibilitada de deixar sua casa, por causa de seqüelas de um acidente, "ela ajudou a guiar nossa história com toda a força e lucidez de espírito" confessa Maria. "Nunca a encontramos abatida ou desanimada e sempre ela sabia dar um conselho e participava de modo muito intenso dos acontecimentos".⁴⁸

E mais: quando os homens, encarcerados por causa da sua nacionalidade, voltavam para casa, era ela quem contribuía para que também as horripilantes experiências feitas por eles, não caíssem em esquecimento, mas ficassem guardadas na memória da comunidade: "assim aconteceu que também os amigos 'regressados' logo aparecessem no seu quarto e a Oma lhes pedia que contassem as suas experiências, as quais ela resumiu num relatório [...]"⁴⁹ (Grifo da

autora)

A imagem que Maria transmite de si mesma dessa época é, em suma, a seguinte: naturalizada norte-americana desde criança, quando tinha emigrado com os pais da Alemanha para os Estados Unidos (somente em 1920, a família Wiersch havia mudado dos EUA para o Brasil), ela aproveitou a liberdade e os privilégios deste status, nos dias mais tensos de crise. Com todos os meios possíveis, ela se comprometia a favor das famílias alemãs e teuto-brasileiras da colônia, expulsas de suas terras e casas pela arbitrariedade de autoridades locais. Ela enfrentou essas autoridades, hospedou vários grupos de expulsos já em marcha, na sua casa e propriedade, dirigiu-se sem cessar aos responsáveis da Sociedade União Popular em Porto Alegre pedindo ajuda, e não cansou até que chegou o telegrama que trouxe a notícia do resultado positivo duma intervenção, por parte da Sociedade União Popular, no Rio de Janeiro: os expulsos puderam voltar para suas casas e suas terras.

Nesta sua missão a serviço dos expulsos, nos dias mais difíceis, foi a mãe com quem Maria encontrou apoio e estímulo:

Na madrugada, fui outra vez de cavalo [...] para Itapiranga, para negociar com a polícia. [...] Como sempre, também agora entrei na casa de Oma, que também estava com a casa lotada de pessoas expulsas [...] Pela primeira vez, eu vi a Oma chorar com esta gente, que tinham vindo [...] para se despedir dela. [...] Também nesta vez, Oma deu-me a sua bênção: "Que teu anjo te acompanhe!" Assim, eu continuei meu caminho, a cavalo."⁵⁰

A filha Daniela, com seus 15 anos, já bem consciente do que estava acontecendo, relatou no seu diário sobre várias ocasiões, nas quais Maria tinha atuado em defesa das famílias expulsas.⁵¹ A contribuição da menina, no entanto, não se limitou às anotações feitas em silêncio, conforme mostra o seguinte relato da mãe:

Nas capelas, os hinos alemães se tinham calado já há bastante tempo, por causa da proibição, mas neste dia, 'no meu castelo', as antigas melodias soaram mais uma vez [...] Minha menina tinha acompanhado os cantos bonitos pelo harmônio e quando tínhamos terminado, uma mulher pediu mais um canto. [...] "Vamos cantar so-mente mais este canto", ela pediu minha menina: "Espere minha alma".⁵²

O legado de mulheres passa, obviamente, da avó pela mãe à filha. Na verdade, as raízes dessa tradição feminina já se encontram muito antes da própria avó Josephine: ela mesma atribuiu muita importância à sua mãe, sua avó e até bisavó⁵³, fato que parece importante para se compreender a história de mulheres em geral. Constata a artista americana Judy Chicago que "nossa herança é nosso poder."⁵⁴

Em 1945, Maria abraça junto com a família um novo projeto de vida, mudando-se de Itapiranga para Porto Alegre. De fato, toda a vida de pioneira dela parece um exemplo convincente de que a prática dinâmica, desenvolvida por ela durante os 20 anos em Porto Novo, tinha sido um dos fatores verdadeiramente eficientes para a realização do projeto da Einheitskolonie, em contraposição à teoria estática pela qual os idealizadores o justificavam. As condições de vida em meados dos anos de 1940 colocaram a família Rohde diante de novas opções. Sob as condições incertas dos imigrantes alemães durante a época pós-guerra, o marido de Maria, Carlos Francisco Rohde, ex-diretor da colônia de Porto Novo, tinha decidido voltar a exercer sua atividade profissional na capital. Essa opção do pai levou a família à decisão de, também, deixar a "gleba própria", "o ninho aconchegante e a querência sagrada (heilige Heimat), em que tinham nascido na selva"⁵⁵ e de migrar para a cidade. Além disso, conforme Maria continua argumentando, "estava na hora de que os filhos e as filhas se inserissem no colégio e na profissão, e para nós todos e todas a situação de separação da família era insuportável."⁵⁶

A preocupação com o futuro dos filhos e filhas, no entanto, parece colocar em questão justamente o motivo que, 20 anos atrás, tinha levado Maria para Porto Novo, ou seja, o sonho de garantir "aos filhos e às filhas uma Heimat, uma gleba própria e um futuro num pedaço de terra, onde uma única fé, índole e costumes lhes ficassem preservados."⁵⁷

As novas exigências de formação escolar e profissional parecem entrar em desacordo, também, com as reservas contra "os maus costumes modernos da moda, do jogo e da

voluptuosidade,⁵⁸ “os perigos éticos e morais do mundo de fora”⁵⁹, que faziam parte do discurso dos idealizadores da colônia de padrão unificado.

Por isso, não admira que, apesar dos fortes argumentos surgidos da nova situação de família, a migração da colônia para a metrópole deixou Maria num dilema:

Quando naquela tarde noite de outono de 1945, as últimas caixas e malas se encontravam, prontos para a viagem, amontoadas no caminhão, que, no dia seguinte, nos ia arrebatara da alte Heimat, algo por dentro de mim não me deixava sossegada (...) De repente, a despedida me parecia pecado.⁶⁰

E depois de uma caminhada de despedida pelas terras “onde cada árvore e arbusto dos quais tínhamos cuidado, era um pedaço de nós mesmos”⁶¹, ela confessa, na última visita ao túmulo dos pais: “ (...) pareceu-me como uma traição, abandonar o túmulo, a gleba própria, o lar e a terra (Heim und Hof) e tudo que nos era tão querido e caro.”⁶² Contra este “dilema da hora de despedida”, somente um argumento tradicional, de caráter religioso podia servir de justificativa. Colocando-se mais uma vez sob o olhar da mãe, Maria pergunta: “Oma, será que é correto deixarmos esta bonita Heimat, que conquistamos com tanto esforço e que nos deixa afeiçoados com toda fibra de coração?” Conforme seu relato, Maria “escutou” a seguinte resposta da mãe “no coração”: “sim, minha filha, e nunca esqueça o juramento de fidelidade: aonde tu vais, eu também vou.”

Mas, provavelmente despercebido pela própria autora, o relato sobre a mudança, na retrospectiva depois de quase sete anos, faz junto com a descrição do dilema e da justificativa religiosa-tradicional de então, também, uma alusão à solução do mesmo, que se sugere a partir da própria dinâmica de vida, embora em linguagem simbólica: já nas vésperas da mudança, Maria tinha chamado Porto Novo de “alte Heimat”. “(...) na manhã seguinte”, o relato continua um pouco mais em diante, “levei meus filhos e filhas embora para uma neue Heimat.”⁶³

* Doutora em História / UNISINOS.

1 Cf. RAMBO, Arthur Blasio. A Escola Comunitária Teuto-Brasileira Católica. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 1994. p. 90. “Traçador”: Trummsäge ou Trumpsäge, uma serra “manejada por dois homens”.

2 ROHDE, Maria. Wie eine Frau eine Urwaldsiedlung wachsen sah. Beitrag zur 25-jährigen Geschichte der Volksvereinskolonie Porto Novo. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1951. 2. ed. Nova Petrópolis: Editora Amstad, 1996. p. 192. – A referência “no começo” é feita em relação aos primeiros anos da Colônia Porto Novo, fundada em 1926.

3 HERWIG, Gertrud Culmey. Die Tochter des Pioniers. Porto Alegre: Federação dos Centros Culturais 25 de Julho, 1984. p. 5.

4 Idem, Ibid., p. 78-79.

5 KREUTZ, Lúcio. O professor paroquial. Magistério e imigração alemã. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991. p. 72.

6 RAMBO, Arthur B. Restauração Católica no Sul do Brasil. (Manuscrito), 2002. p. 17.

7 KATHOLIKENVERSAMMLUNG IN NEU-HAMBURG, am 14., 15. und 16. März 1926. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1928. p. 19.

8 Idem, Ibid.

9 BIDEGAIN DE URÁN, Ana Maria. Sexualidade, vida religiosa e situação da mulher na América Latina. In: MARCÍLIO, Maria Luiza (Org.). A mulher pobre na história da Igreja Latino-Americana. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. p. 53-69.; 59.

10 Pio XI, Alocução à Juventude Alemã de 27/10/1933. Apud VERSCHURE, J. “Katholische Aktion”. LTHK, vol. 6, col. 74.

11 VOLKSVEREIN FÜR DIE DEUTSCHEN KATHOLIKEN VON RIO GRANDE DO SUL Katholikenversammlung in Arroio do Meio. 1930. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1930. p. 29.

12 BIDEGAIN DE URAN, Ana Maria, op. cit, p. 62.63.

13 HAHNER, June E. A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981. p. 107.

14 Cf. KV ARROIO DO MEIO, op. cit., p. 117-125. O termo “Frauenfürsorge” significa a assistência social às mulheres. Segundo os subtítulos das duas partes da palestra, Agathe o entendeu em sentido duplo: “Os cuidados duma boa dona de casa e mãe para os seus” e, “o dever da comunidade nos cuidados para a mulher”, sendo que a segunda interpretação corresponde ao sentido da palavra como termo técnico.

15 SANKT PAULUS-BLATT. Porto Alegre, 1932, n. 3, p. 43.

16 VOLKSVEREIN FÜR DIE DEUTSCHEN KATHOLIKEN VON RIO GRANDE DO SUL. Katholikenversammlung in Colonia Selbach. 1932, vom 30. Januar bis 3. Februar. Bearbeitet von Dr. Franz Metzler. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1932. p. 38-44; 81-89.

17 DIÓZESE SANTA MARIA (Org.). Regionalkatholikentag in Três Arroios, Munizip Boa Vista do Erechim, 1932, vom 19.-21 November, veranstaltet für die deutsch-sprechenden Bewohner des Muni-zips unter dem Protektorat S. Exzell. D. Antonio Reis, Bischof von Santa Maria. Porto Alegre: Typografia do Centro, 1933. p. 88-95;116-123.

18 KATHOLIKENVERSAMMLUNG IN DER VOLKSVEREINSKOLONIE PORTO NOVO, veranstaltet als XVI Hauptversammlung der deutschsprechenden Katholiken Südbraziiliens im Jahre 1934 vom 1. bis 4. Februar. Versammlungsbericht, herausgegeben vom Volksverein für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul und Santa Catharina. Bearbeitet von Dr. Franz Metzler. Porto Alegre: Typ. do Centro, s.d. p. 11.

19 VERBAND DEUTSCHE VEREINE. (Ed.) Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul. 18241924. Traduzido por Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 1999. p. 131.

20 Cf. FESSLER, Agathe. Helden des Lazarets. Riograndenser Marien-Kalender, 1939, p. 47-49.

21 Cf. KV TRÊS ARROIS, op. cit., p. 31.

22 KV COLÔNIA SELBACH, op. cit., p. 41.

23 Cf. FESSLER, Agathe, op. cit., p. 47-49.

24 KV ARROIO DO MEIO, op. cit., p. 121.

25 Cf. KV COLÔNIA SELBACH, op. cit., p. 42. 82.

26 SANKT PAULUS-BLATT, 1941, n. 5, p. 70.

27 KV COLONIA SELBACH, op. cit., p. 38.

28 ROHDE, Maria, op.cit., 1996, p. 12.

29 Cf. a carta de Josephine Wiersch para Hugo Metzler, por ocasião das bodas de prata dele, em 1917, publicada em DEUTSCHES VOLKSBLATT. Unabhängige Zeitung für Wahrheit und Recht, Porto Alegre, 19 de maio de 1917. – Na sua autobiografia, Josephine menciona a correspondência da filha Maria com uma filha de Hugo Metzler. Cf. LONDKA, Margot (aliás WIERSCH, Josephine). Ein Lebensweg durch drei Welten. Sonntags-Stimmen. Suplemento à edição diária e semanal do DEUTSCHES VOLKSBLATT, 1934, p. 15.

30 Wahlspruch: Ehret die Frauen! / Sie flechten und weben / Himmlische Rosen / Ins irdische Leben.

31 KV ARROIO DO MEIO, op. cit., p. 21.

32 Idem, Ibid., p. 123.

33 Idem, Ibidem.

34 KV COLÔNIA SELBACH, op. cit., p. 40.

35 KATHOLIKENVERSAMMLUNG IN DER VOLKSVEREINSKOLONIE PORTO NOVO, veranstaltet als XVI Hauptversammlung der deutschsprechenden Katholiken Südbraziiliens im Jahre 1934 vom 1. bis 4. Februar. Versammlungsbericht, herausgegeben vom Volksverein für die deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul und Santa Catharina. Bearbeitet von Dr. Franz Metzler. Porto Alegre: Typ. do Centro, s.d.

36 "nossa fé e nossa índole alemã";/"fé e Volkstum alemães";/"de uma só fé e de uma só raça";/"a fé católica junto com a índole alemã"; (KV PORTO NOVO, op. cit., p. 140) "a fé dos antepassados, a índole alemã, o fundamento no sangue alemão ficavam firmes inabalavelmente, e assim continuavam até hoje"; – "orgulhosos, estamos lembrados da nossa descendência alemã e nos confessamos fiéis à nossa fé católica e à nossa índole alemã." Idem., Ibid., p. 142.

37 Cf. FAULHABER, Michael. Judentum, Christentum, Germanentum. Adventspredigten, gehalten in St. Michael zu München 1933. München: s.e. 1934. – LANGER, Albrecht. Katholizismus und nationaler Gedanke in Deutschland. In: ZILLESSEN, Horst (Org.) Volk – Nation – Vaterland. Der deutsche Protestantismus und der Nationalismus. Gütersloh: Gerd Mohn, 1970. p. 263. 2. ed. – HIRTENBRIEFE DES DEUTSCHEN, ÖSTERREICHISCHEN UND DEUTSCH-SCHWEIZERISCHEN EPISKOPATS 1933. In: LANGER, op. cit., p. 262.263.

38 KV PORTO NOVO, op. cit., p. 140-146 passim.

39 Idem, Ibid., p. 143.

40 "A fé católica, junto com a sua índole alemã, os primeiros imigrantes alemães a trouxeram junto, na travessia do mar." Idem, Ibid. p. 140. [...] igualmente como naqueles tempos, cada homem alemão e cada mulher alemã estão animados, também ainda hoje, pela idéia de conservar fielmente a fé católica e a índole alemã." Idem, Ibid., p. 141. (Destaque meu.)

41 Idem., Ibid. p.141.

42 RAMBO, Arthur B., op. cit., 1994, p. 47.

43 ROHDE, Maria, op. cit., 1996, p. 132.

44 Idem, Ibid., p. 140.

45 Cf., p.e., PAULUS, 1935, p.56, 76-77, 107, 140-141, 174, 179-180, 195-196.

46 ROHDE, Maria, op. cit., 1996, p. 192.

47 Cf. PÖEGGELER, F. Heinen, Anton. In: LTHK 1960, vol. 5, col. 174.

48 Idem, Ibid., p. 223.

49 Idem, Ibid., p. 223.

50 Idem, Ibid., p. 240.

51 Cf. p. e. ROHDE, Maria, op. cit., 1996, p. 215-216.

52 Idem, Ibid., p. 43.

53 Cf. LONDKA, op. cit.,1932, p. 415-416; 1933, p. 7.

54 CHICAGO, Judy. The Dinnerparty. A Symbol of Our Heritage. New York: s.e., 1979, p. 241-251. Apud SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. As origens cristãs a partir da mulher. Uma nova hermenêutica. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992. p. 16.

55 ROHDE, Maria, op. cit., 1996, p. 51.105.

56 ROHDE, Maria, op. cit., 1996, p. 251.

57 Idem, Ibid., p. 51.

58 Idem, Ibid., p. 126.

59 Idem, Ibid., p. 132.

60 Idem, Ibid., p. 252. 61 Idem, Ibid., p. 252. 62 Idem, Ibid., p. 254. 63 Idem, Ibid., p. 254.